

A PROFISSÃO DOCENTE NO CINEMA: LUZ, CÂMERA E AÇÃO!

ANA CARMITA BEZERRA SOUZA

VINÍCIOS ROCHA DE SOUZA

ISABEL MAGDA SAID PIERRE CARNEIRO

Sinopse

O presente artigo se situa na fronteira de dois campos importantes da pesquisa educacional: formação de professor (saber docente), e cultura (mídia e educação). Pretendemos discutir como a profissão docente é apresentada pelo cinema, no que concerne à capacidade que a mídia cinematográfica possui de viabilizar a construção e produção de modelos a respeito do que é “ser” professor.

Através da arte temos acesso a dimensões culturais da sociedade nem sempre perceptíveis aos olhos da razão. Com a sensibilidade se pode ver, sentir e entender outras coisas. Tentamos unir nossos olhares ao discurso conceitual sobre a cultura docente e suas multifaces. A arte possibilita a simbolização de sentimentos, crenças, expectativas e utopias. Portanto, é um discurso privilegiado para o que aqui pretendemos.

Referência: A arte habita as coisas, percebe-as de dentro delas mesmas, ao contrário da ciência, que se nega a habitá-las, preferindo manipulá-las. (PIMENTEL, 1993, p. 51).

A arte opera como uma espécie de processador daquilo que acontece no tecido social. É reprodução, mas também produção de sentido cultural.

O cinema tem o poder de ressuscitar e recriar. Ele nos possibilita ficarmos frente a frente com histórias de pessoas, famílias, costumes e tradições de lugares e épocas diferentes, e também com trajetórias profissionais, bem como suas práticas. O nosso interesse neste artigo é nos utilizarmos dessa possibilidade e analisar a cultura docente a partir de filmes que falem de memórias, práticas pedagógicas, experiências, desafios enfrentados e da função social esperada do professor.

Inicialmente, realizamos uma ampla discussão sobre quais filmes a respeito da docência marcaram nossas trajetórias de vida (acadêmica ou não). O objetivo foi perceber o que havia de singular no trabalho daquele personagem/docente que nos permitiria categorizar sua ação numa perspectiva de análise pedagógica. A partir desse exercício chegamos a certos consensos em torno daquilo que parecia ser a característica principal que norteava a ação do docente.

É oportuno enfatizar que nosso objetivo não foi rotular o professor; pelo contrário, foi evidenciar ou destacar aquilo que, em linguagem popular, “salta aos olhos” em meio a tantos atributos profissionais que percebemos nos docentes dos quatro filmes que assistimos.

Em seguida, apreciamos os filmes, o que nos permitiu discutir nossas idéias e hipóteses a respeito da caracterização pedagógica do trabalho do professor em foco. Nesse momento, buscávamos estabelecer os ditos consensos, ou seja, a possibilidade de dizer que no filme apreciado o professor se conduzia de uma determinada forma, e que esse modo de “agir” nos permitiria afirmar que ele se enquadrava num perfil ou modelo de ação.

As obras cinematográficas analisadas, bem como as dimensões do trabalho docente identificadas nelas foram as seguintes: 1. *O sorriso de Monalisa – Professor Provocador*; 2. *Sociedade dos Poetas Mortos – Professor Performático*; 3. *Ao mestre com carinho – Professor Afetuoso*; 4. *A língua das Mariposas – Professor Político*.

Sobre a Sétima Arte¹

Ao eleger o discurso cinematográfico para discutir as categorias da cultura docente, optamos por uma produção

¹ Na Antigüidade, os gregos e romanos classificavam como arte a pintura, a escultura, a oratória, o teatro, a poesia, a música e a dança. Mas foi no século XVIII que as manifestações criativas foram estudadas e classificadas em dois grupos: as belas artes e as belas letras. As belas artes eram seis: arquitetura, escultura, pintura, gravura, música e coreografia. Das belas letras faziam parte a gramática, a eloquência, a poesia e a literatura. Quando o cinema surgiu, em 1895, inventado pelos irmãos Lumière, foi classificado como arte e ganhou o rótulo de “sétima arte”.

cultural que foi posicionada entre a arte e a indústria.² O gerador do cinema é a fotografia. A invenção desta, em meados do século XIX, foi condição pra a criação daquele. E o cinema, que inicialmente nada mais é que a imagem fotografada e posteriormente projetada em movimento, em pouco tempo conquistou para si um lugar próprio entre as modalidades artísticas. Mas essa afirmação do cinema como arte não aconteceu sem discordâncias, visto que os seus modos de produção, equivalentes à indústria, redefiniram o conceito de arte, e possibilitaram a sua democratização, surgindo a discussão sobre o fim da aura³ da obra de arte através do seu acesso às massas:

A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que o consumidor, que poderia, por exemplo, pagar um quadro e pô-lo na sua casa com exclusividade para a apreciação da sua família, não pode mais pagar um filme. O cinema é uma criação coletiva. (BENJAMIN, 1994, p.174). [grifo nosso].

Com o cinema especificamente e com a produção cultural em massa em geral o telespectador não utiliza a obra

² Embora não seja este o cerne da discussão neste trabalho, é válido ressaltar que consideramos os conteúdos do cinema e dos outros meios de comunicação de massa como parte de um extenso "currículo cultural", capaz de atuar nas identidades e subjetividades do espectador. O cinema, o rádio, a televisão, as revistas, o jornais, jogos eletrônicos, etc. são bens culturais com intencionalidades definidas, mas não especificadas, como na educação formal.

³ Benjamin, em seu ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, fala da aura que envolve as obras de arte, enquanto objetos individualizados e únicos. Com o progresso das técnicas de reprodução, sobretudo do cinema, a aura, dissolvendo-se nas várias reproduções do original, destituiria a obra de arte de seu status de raridade. "O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. [...] Na medida em que ela multiplica a sua reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência real" (BENJAMIN, 1994, p.168).

de arte em si, mas o objeto reproduzido. O filme é o próprio produto artístico reproduzido tecnicamente com mais eficácia, ele é a *obra de arte na sua reprodutibilidade* e traz em si o poder de atualizar os clássicos da literatura universal, mas não consegue tal coisa sem destruir/substituir a tradição.

Questionar a sua autenticidade e cobrar a sua aura não faz nenhum sentido para essa modalidade artística. Ele vai trazer a transformação da função social da arte. É uma criação nos moldes da sociedade capitalista, elaborada coletivamente e fruída pelo maior número de pessoas.

Analizando o Roteiro

O sorriso de Monalisa⁴ – Professor Provocador

O filme conta a história de Katharine Watson (Julia Roberts), uma recém-graduada professora de História da Arte que consegue uma vaga para ensinar no tradicional colégio Wellesley em 1953, na Nova Inglaterra. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, Katharine decide lutar contra essas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem outros desafios na vida além daqueles meramente relacionados às atividades consideradas adequadas para as mulheres dentro do casamento.⁵ A professora era solteira (sinal de fracasso para a época) e considerada liberal. Tinha como prioridade sua profissionalização, colocando em segundo plano o casamento, a constituição de uma família e de um lar.

A partir de seu trabalho, trazia para suas alunas o seu ideal de mudança, apresentando-lhes novas possibilidades de sonhos e realização. Assim, buscava fazer com que elas descobrissem que as soluções da vida não se baseavam apenas nas relações de amor entre homens e mulheres. Como professora de arte, Watson desafiava a administração e inspira as estudantes a olhar além das imagens e conside-

⁴ O SORRISO de Monalisa. Título original: *Mona Lisa Smile*. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 125 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 2003. Direção: Mike Newell. Estúdio: Columbia Pictures.

⁵ A época é marcada por uma cultura machista cujo papel das mulheres era rigidamente voltado para o casamento.

rar as possibilidades do que elas poderiam ser, e, assim, as encoraja a lutarem por um futuro diferente.

A prática pedagógica da professora de arte visava à formação de alunas capazes de observar para além da "aparência". Sua intenção não era a transmissão sistemática dos conhecimentos sobre arte produzidos e acumulados historicamente pela humanidade, e sim assegurar a apropriação ativa destes conhecimentos. Assim, buscava provocá-las para que despartassem para as outras possibilidades que a vida pode oferecer.

O que significa ser um professor provocador? É possível um professor ser neutro em sua prática, sem deixar que suas crenças, seus ideais, suas convicções interfiram na sua prática profissional?

Historicamente, a profissão docente se consolidou em duas tradições: o professor religioso, que tem suas raízes nas congregações educativas da Igreja Católica, e o professor leigo (século XX), que se consolidou a partir da estatização da educação e dos ideais iluministas e científicos. Se o primeiro modelo sempre primou pela inculcação de crenças, totalmente parciais, fé, espiritualidade e pretensão de verdades absolutas e divinas, o segundo se pretende neutro, imparcial e objetivo, com uma idéia de "neutralidade" advinda do racionalismo científico positivista.

O professor provocador não pode se pautar por nenhuma dessas duas tradições, pois não há nada em si absolutamente verdadeiro, e ninguém consegue essa pretensa neutralidade. Ele é antes de tudo um ser crítico, em constante busca de modificações dos sistemas sociais através das suas práticas pedagógicas. Ademais, ninguém provoca sem ter plenas convicções de suas provocações (FREIRE, 1997).

Quando imputam ao professor a responsabilidade de apresentar aos seus alunos valores e atitudes, estes não serão diferentes daqueles em que ele acredita. A neutralidade da prática pedagógica é algo inviável. As opiniões dos professores sobre diversas questões estão presentes na escola, senão no conteúdo curricular formal, através da prática docente, no currículo oculto (MACLAREN, 1992; SILVA, 2002; SANTOMÉ, 1995).

Provocar é uma ação que tem nas entrelinhas valores e atitudes, o que concorda com a crença de que os professores são profissionais essenciais nos processos de mudança da

sociedade (GIROUX, 1997), e esses processos são possíveis quando ele apresenta um jeito de pensar, agir, valorar diferente do estabelecido. Segundo Perissé (2005, p. 1):

Na docência, como na arte em geral, não bastam as boas intenções para realizar um bom trabalho. É preciso [...] que o professor, diante dos alunos, evite respostas simplistas, padronizadas, "honestas", e suscite a verdadeira reflexão. O professor-provocação atua na sala de aula como se estivesse no palco. E ultrapassa os métodos educativos convencionais para atingir o mais tradicional (e teatral) dos objetivos pedagógicos: ensinar-nos a ver o mundo com novos olhos. O professor-provocação não obriga ninguém a lutar ou discutir, mas nos desafia a entrar na grande briga contra o comodismo emocional, a preguiça mental, a inércia existencial.

Como educador, uma vez que reflete *na e sobre* sua ação, pode redimensionar a prática de forma a possibilitar mudanças na escola e na transformação da sociedade. Em suma, o professor-provocador, no sentido aqui discutido, é um profissional que pode colaborar com a construção de sujeitos críticos e reflexivos.

Sociedade dos Poetas Mortos⁶ – Professor performático

O filme retrata a vida de adolescentes que estudam na Academia Welton, nos EUA, em 1959. É uma escola preparatória para o nível superior, somente para rapazes, que tem como seus princípios básicos a *honra, tradição, disciplina e excelência*. O ambiente é rígido e extremamente racional; suas práticas pedagógicas são baseadas numa concepção tradicional de educação. Isso pode ser observado através das imagens referentes à disposição das carteiras enfileiradas uma atrás da outra e na relação professor-aluno, que é distante e marcadamente hierarquizada.

⁶ SOCIEDADE DOS Poetas Mortos. Título original. *Dead Poets Society*. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 129 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1989. Direção: Peter Weir. Estúdio: Touchstone Pictures.

Em um ambiente no qual não havia espaço para o movimento do corpo e para o desenvolvimento intencional da sensibilidade, o professor Keating (Robin Williams), ao ministrar aulas de literatura, busca através da arte estabelecer novas formas de relação com os alunos e com os conteúdos formais.

Nesse filme, é possível identificar algumas categorias do “ser professor”, quais sejam, afetividade, autonomia, identidade, relação com os seus pares, etc. Entretanto, o que iremos destacar em nossa análise é a atuação em sala de aula junto aos alunos, especificamente, o caráter performático do trabalho docente.

No primeiro encontro, o professor Keating entra na sala de aula assoviando (o fato de assoviar deixa os alunos curiosos) e convida a todos para visitarem um espaço onde estão expostas fotos de ex-alunos da escola, que na sua maioria já haviam morrido. O professor diz para os alunos: “carpe diem! Tornem suas vidas maravilhosas, pois terão o mesmo fim dos demais...”. A frase em latim significa “aproveite o dia” e tem a intenção de despertar nos alunos a necessidade de estudar sem negligenciar os aspectos afetivos e poéticos da vida.

O professor Keating apresenta uma capacidade de ministrar aulas teatralmente. É o professor artista, que nem sempre é o de arte. Suas performances são inúmeras, como subir na mesa do professor e mandar que todos os alunos também subam; rasgar as páginas da introdução do livro de literatura porque tem uma descrição quase matemática do que seja poesia; pedir que os alunos o chamem de “Capitão, oh! Meu capitão” ao invés de “professor Keating”. Enfim, tem uma ação gestual própria. Essa atuação, no que se refere a movimentos e gestos corporais, é identificada como performática. O seu modo próprio de lecionar, apesar de aparentemente se igualar aos alunos, não prejudica a ordem e direção que ele deseja dar à aula. Mesmo quando tudo parece desordenado no espaço da sala, o professor performático tem o total controle da situação.

Tenho usado o termo artístico profissional para referir-me aos tipos de competência que os profissionais demonstram em certas situações da prática que são únicas, incertas e conflituosas. Observe, no entanto, que o talento artístico é

uma variante poderosa e esotérica do tipo mais familiar de competência que todos nós exibimos no dia-a-dia em um sem número de atos de reconhecimento, julgamento e performance habilitada. (SCHÖN, 2000, p.29).

Ao tentar compreender o conceito de *professor performático*, o relacionamos ao docente “prático autônomo” apontado nos estudos de Zeichner (1983) e Pérez-Gómez (1990). Eles vêem o professor como o artista que reflete, que toma decisões e que tem a capacidade de criar durante sua própria ação. Nesse sentido, não podemos considerar a atividade profissional (prática) do professor como uma atividade exclusiva e prioritariamente técnica. É mais correto percebê-la como uma atividade reflexiva e artística, na qual cabem algumas explicações concretas de caráter técnico.

É quase impossível não estabelecer uma relação entre o professor Keating, do filme **Sociedade dos Poetas Mortos**, e a professora Watson, do filme **O sorriso de Monalisa**. A ação desta e seus discursos provocadores apresenta uma proposta educativa que ultrapassa os muros da escola, repercutindo na vida das alunas, inquietando-as, desafiando-as diante dos valores sócio-culturais vigentes.

Já o professor Keating, trabalhando num ambiente conservador e racionalista, mostra para os alunos a possibilidade de uma vida também influenciada pela sensibilidade. A cena em que o professor chama os alunos para junto de si e em tom de segredo lhes diz: “medicina, direito, administração, engenharia são ocupações nobres, necessárias à vida, mas poesia, beleza, amor, romance, isso é o que nos mantém vivos” equipara o papel da arte ao da ciência.

Ao Mestre com Carinho⁷ – Professor afetuoso

O filme conta a história de um engenheiro negro (Sidnei Pointer), desempregado que aceita lecionar para um grupo de alunos rebeldes e desordeiros de um bairro operário londrino. O contato inicial professor-aluno é extremamente

⁷ AO MESTRE com carinho. Título Original: To Sir With Love. Gênero: Drama. Tempo de duração: 105 minutos. Inglaterra: 1966. Direção: James Clavell. Estúdio: Columbia Pictures.

conflituoso. Contudo, a indisciplina da turma vai aos poucos sendo vencida pela tenacidade do mestre, que assume o desafio de transformá-los em adultos responsáveis.

A fala da cena em que ele se desestabiliza emocionalmente devido ao fato da turma queimar algo na sua sala e fechar todas as entradas de ar para o cheiro de fumaça ficar intenso, tendo como único propósito aparente irritar o professor, marca o auge de um conflito relacional que irá sinalizar um forte teor romântico nas relações que o professor estabelece com seus educandos:

Estou cheio dessa linguagem chula, mau comportamento e crueldade. Quem encoraja também é culpada. Tanto faz, todos são culpados! Os rapazes para fora. As garotas ficam onde estão. Se quiser brincar com essas coisas sujas façam-no em casa, não na minha classe.

Nesse momento, o professor sai irritado da sala afirmando: “nunca imaginei que alguns jovens me irritariam assim tão rápido e facilmente. Esses jovens são uns diabos! Tentei de tudo, mas nada funciona. JOVENS... é isso!” A partir de então regras serão estabelecidas e iniciar-se-á um tratamento pessoal mais respeitoso e minimamente cordial. Isto é percebido na cena em que o professor entra na sala, joga os livros no lixeiro e diz:

[...] Eu me dei conta de que serão adultos em algumas semanas, com suas responsabilidades. Agora serão tratados por mim e tratar-se-ão dessa forma. Como adultos. Adultos responsáveis. Seremos razoáveis uns com os outros conversaremos. Ouvirão sem interrupção. Quando eu acabar poderão dizer o que quiserem, sem interrupção. Seguiremos certas formalidades nessa sala de aula. Vocês me chamarão de mestre ou Sr... Chamarão as jovens por senhoritas e os jovens pelo sobrenome.

Depois dessa cena, a história será marcada por uma conquista contínua, com avanços e recuos. A partir de

então, será construída uma relação afetiva percebida através de um envolvimento cotidiano com os problemas pessoais dos alunos, demonstração de cuidado e de valorização. Ações como pedir autorização ao diretor para levá-los ao museu; pedir que a colega professora ensine as alunas a se maquiarem; sensibilizar-se com a morte da mãe de um dos alunos, entre outros fatos, demonstra afetividade e envolvimento.

As palavras de Paulo Freire (1997, p. 151) nos ajudam a encontrar a explicação para as ações desse professor. A afetividade “significa esta abertura ao querer bem à maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano”. Ele irá ressaltar também a capacidade que a atividade docente tem de despertar a afetividade, a alegria, coisa que ele denominou de força misteriosa, muitas vezes chamada de vocação, que segura os professores na profissão mesmo diante de condições tão aviltantes. Não apenas permanecendo, mas também cumprindo com amor o seu dever, pois a profissão professor não pode ser entendida nos limites da sala de aula.

É preciso [...] que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa. (Idem., 1997, p. 161).

A discussão do tópico *professor afetuoso* nos demonstrou que a emoção, tal qual a razão, perpassa todas as ações do sujeito e é também dimensão fundante e inerente do ser humano. O ensino é uma atividade essencialmente humana, que não se repete na natureza exterior, aquela do domínio da cultura. Quando ensinamos, nos relacionamos necessariamente com um outro que possui desejos, interesses e subjetividade singular. E esse parece ser o grande desafio do professorado: conciliar o desenvolvimento de alcance do conhecimento (racionalidade) com a empatia (gosto/sensível), associado ao respeito mútuo na construção do processo de ensino-aprendizagem.

A Língua das Mariposas⁸ – O professor político

Honoráveis autoridades, queridas crianças e distintos cidadãos. Na primavera, os patos selvagens retornam a sua casa para procriar. Nada os detém. Se cortarmos suas asas, eles nadarão, se cortarmos seus pés, eles se arrastarão com o bico, como um remo contra a corrente. Esta jornada é sua “raison d’être”. No outono de minha vida, devo ser cético e de certo modo, eu sou. O lobo nunca se deitará com o cordeiro. Mas tenho certeza de uma coisa: se permitirmos que somente uma geração, somente uma geração cresça livre na Espanha, então ninguém nunca poderá tomar sua liberdade. Ninguém poderá roubar esse tesouro dele. Muito obrigada. E voem, livres! (Don Gregório)

O professor é um ser social. Um indivíduo, como todos os outros, imerso na cultural (SACRISTAN, 2002), nicho do qual irrevogavelmente faz parte. Sua atuação na sociedade é sempre histórica e pedagogicamente contextualizada. Por isso mesmo, suas atitudes face às demandas educacionais que o mundo lhe apresenta são sempre regidas por uma intencionalidade (TARDIF, 2002). E, a propósito dessa intencionalidade ou ato intencional educativo, é possível afirmar que ele traz em si, como pano de fundo da ação docente, a compreensão de três categorias fundamentais que se articulam na composição dos princípios educativos, a saber: homem, mundo (sociedade) e conhecimento. Isso já de partida implica uma discussão política.

É possível afirmar que a postura com a qual o professor reage e encaminha as situações complexas que passam a gestão pedagógica de uma sala de aula não é motivada apenas pelas tarefas impostas por projetos pedagógicos, currículos e programas escolares, que tendem a dar um ar de normatividade excessiva ao trabalho docen-

⁸ A LÍNGUA das mariposas. Título original: *La Lengua de las Mariposas*. Gênero: Drama. Tempo de duração: 95 minutos. Ano de lançamento (Espanha): 1999. Direção: José Luís Cuerda. Estúdio: Sogetel, Las Producciones del Escorpión, Grupo Voz.

te. Ao contrário do que parece ser, a institucionalização consegue determinar, apenas em parte, coisas tais como, currículos, horários, composição das classes, etc., mas não consegue controlar ou definir completamente como será o trabalho do professor.

Mas por que isso acontece? O que permite fazer com que o professor dê significação a sua prática pedagógica num sentido às vezes contrário aos tradicionais interesses do currículo e da Instituição? Tal fenômeno só é possível porque o professor corporifica nos meandros da prática profissional sua própria existência. O professor paga impostos, participa de associações de classe ou não, se identifica etnicamente com uma raça ou não, pode ter um credo religioso, pode possuir família e por isso, ser influenciado pelos traços culturais próprios da tradição familiar, ter gostos pessoais, pode participar de um sindicato ou não. O docente como sujeito "cultural" participa do emaranhado de relações de intersociabilidades que denota, antes mesmo do cotidiano da sala de aula, ou dentro dele, um posicionar-se diante do mundo, logo, uma postura política.

O filme *A língua das Mariposas* trata da relação que um menino estabelece com o seu professor Don Gregório (Fernando Fernán-Gomes), que acredita na liberdade como peça motriz que poderá levar o homem a encontrar a felicidade. Nesse sentido, sua postura pedagógico-político não o permite corroborar ou aderir a certos modelos tradicionais de ação docente (mesmo que aceitos pelo Estado), como no caso dos castigos corporais. Ele permite que sua concepção política anarquista⁹ se sobressaia aos modelos pedagó-

⁹ O movimento anarquista e o nacionalismo na Catalunha no início do século XX levam o rei Alfonso XII a encorajar um golpe militar do general Primo de Rivera, em 1923, que dissolve as Cortes (Parlamento) e estabelece a ditadura. Em 1931, o rei é deposto e a República é proclamada. A Frente Popular (FP), aliança entre republicanos, comunistas e anarquistas, ganha a eleição de 1936. Militares liderados pelo general Francisco Franco se levantam no Marrocos Espanhol, em 17 de junho de 1936, contra a FP e obtêm o apoio de 50 guarnições de toda a Espanha. A população invade os quartéis e toma armas para defender a FP contra os insurgentes militares, apoiados pela oligarquia rural e pela Igreja Católica. Iniciam-se violentos combates entre milícias populares (em grande parte lideradas pelos anarquistas) e o Exército. A guerra civil dura até

gicos vigentes, que ainda permitiam o uso da violência contra os estudantes, numa sociedade regida por instituições tradicionais como a Igreja e o Latifúndio.

Don Gregório é um anarquista republicano que experimenta reformular o espaço escolar a partir de uma proposta educativa alternativa: “a liberdade estimula o espírito dos homens fortes”. No seu ato de lecionar, essa premissa se deixa transparecer. Suas aulas são motivadas por um empenho em estimular a curiosidade epistemológica de seus alunos e lhes propor experiências diferenciadas daquelas para as quais já estavam habituados. Interessante, pois, é perceber que seu principal educando (Moncho) não se preocupa com essas questões. Para ele, compreender que *probacis* é nome científico da língua da mariposa ou como os besouros se comportam na natureza, ou ainda a descoberta da sensibilidade e da atração sexual que aproxima as pessoas, pode ser considerado lição de mais valia.

Mas é justamente nessa controvérsia que reside o potencial político do seu trabalho, na opção que faz por guiar-se pela natureza de seu espírito libertário: Ao propor a poesia de Antonio Machado¹⁰ na sala de aula, no conflito de propor a Moncho a leitura de Pedro Kropotkine¹¹; ou mesmo ao acatar uma decisão dos alunos quando do momento em que estes estão brigando e pedem para que Don Gregório não os separe, ele reflete criticamente entre agir de acordo com o regimento posto pelo Estado e a escola e

1939 e ganha dimensão internacional]. Os republicanos têm o apoio da URSS, que envia armas e organiza as Brigadas Internacionais, com voluntários de vários países. Os franquistas recebem a ajuda de Hitler e Mussolini, que mandam tropas e apoio aéreo. Cerca de 1 milhão de pessoas morrem no conflito. A vitória dos militares leva à ditadura de Franco, que governa até sua morte, em 1975. Franquismo: Franco mantém a Espanha fora da II Guerra Mundial. Em 1947, o ditador restaura a Monarquia, que entra em vigor após sua morte. No período franquista, a Espanha se isola do restante da Europa, mas a ajuda econômica e militar dos EUA proporciona relativo progresso econômico a partir dos anos 60.

¹⁰ Antonio Machado, 1875-1939 (poeta, dramaturgo, ensaísta) – favorável à república publicou “Poesías de la Guerra”. Sofreu perseguições do exército nacionalista espanhol. Viveu durante anos no exílio.

¹¹ Pedro Kropotkine, 1842/1921 (personagem histórico da Rússia). – anarquista revolucionário, escreveu “A Conquista do Pão”, obra literária que serviu de inspiração a milhares de revolucionários em todo o mundo.

sua concepção pessoal de educação, fazendo opção por esta. Contudo, o ato político de lecionar impetrado pelo professor não denota um autoritarismo às avessas (falsa democracia); muito pelo contrário, Don Gregório não tenta convencer seus alunos de que eles devem se orientar pela sua ideologia ou concepção de mundo. Ele apenas não se nega ao direito de exercer uma prática na qual está convencido de que a dimensão pedagógica do trabalho que realiza deve ser objeto de reflexão política, ruptura com a ordem vigente e transformação da realidade social.

E o Vento Levou: Considerações Finais

Apesar de se constituírem como produções fictícias, os filmes revelam a importância das artes cinematográficas como um caminho para a compreensão das diferentes dimensões que permeiam as práticas pedagógicas.

No filme *O Sorriso de Monalisa (Professor Provocador)*, refletimos sobre um ser crítico, em constante busca de modificações dos sistemas sociais através das suas práticas pedagógicas. Há de se admitir que cada época e lugar necessitam de provocações diferentes. Que provocações os professores precisam levantar nos seus educandos nos dias atuais? É patente a necessidade de muitas provocações que discordem da lógica econômica, ética, política e dos padrões culturais.

Em *Sociedade dos Poetas Mortos (Professor Performático)*, o professor é visto como um artista que reflete, que toma decisões e que tem a capacidade de criar durante sua própria ação. Nessa perspectiva, a arte como uma ação comunicativa da criatura humana contribui para que o professor em suas práticas cotidianas aproveite esse tipo de comunicação para potencializar o processo ensino-aprendizagem.

No filme *Ao Mestre com Carinho (O Professor Afetuoso)*, percebemos que, quando ensinamos, nos relacionamos necessariamente com um outro ser sensível. A emoção, tal qual a razão, perpassa todas as ações do sujeito e é também dimensão fundante do ser humano.

A língua das Mariposas (professor político), apresenta o trabalho dos professores como objeto de reflexão política que visa romper com a ordem vigente e transfor-

mar a realidade social. Assim, para além da racionalidade técnica presente em muitas práticas sociais as quais limitam o desenvolvimento de sujeitos críticos e refletivos, esse filme traz elementos para uma educação problematizadora que a partir do diálogo busque a humanização e emancipação dos indivíduos.

De modo geral, percebemos que a afetividade é uma categoria comum aos quatro professores dos filmes supracitados. É considerada como algo inerente às práticas docente, embora tenha diversas formas de expressão ao longo da história da educação formal e das relações professor-aluno.

A reflexão política e a provocação, duas dimensões similares da prática docente, também estiveram presentes nos quatro professores dos filmes analisados. Ser político é intrínseco às ações humanas, antes mesmo de ser professor, visto que até a suposta neutralidade é uma opção política.

Finalmente, consideramos que o professor artista está mais vinculado a posicionamentos diante dos alunos e dos conteúdos do que a uma formação no campo das artes. Ele é necessariamente um político, pois escolhe o modo de atuar junto aos discentes. Nesse sentido, podemos considerar que os quatro professores também apresentam tal característica, embora, uns mais que outros.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 4. ed. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACLAREN, Peter. *Rituais na escola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor reflexivo: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PERISSÉ, Gabriel. *Professor Provocação*, p.01. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/prof-pro.htm>>. Acesso em: 23 set.2005.

PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em construção*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1993.

SACRISTAN, J. G. Tendências investigativas em educação. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SANTOMÉ, Jurjo T. *El curriculum oculto*. Madrid: Morata, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo desing para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZEICHNER, Zen. Novos caminhos para o *practicum*: uma perspectiva para os anos 90. In: NÓVOA, António. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.